

PROJETO ARQUITETÔNICO COLABORATIVO: EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM A ONG “CUIDANDO DE NÓS”

RODRIGO GONÇALVES OLIVEIRA¹; DANIELA VIEIRA GOULARTE²; OTAVIO GIGANTE VIANA³; LUANA PAVAN DETONI⁴; EDUARDO ROCHA⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – rdggoliveira@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – arquiela.ufpel@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – otaviogv@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – luana.detoni@ufpel.edu.br*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – eduardo.rocha@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho relata a continuidade do projeto de extensão FAUrb no bairro Passo dos Negros, em Pelotas. O território, de forte herança histórica ligada à escravidão e resistências negras, hoje enfrenta desigualdades sociais e especulação imobiliária.

O projeto apoia a ONG “Cuidando de Nós”, que atua sem sede própria. Busca fortalecê-la com metodologia participativa envolvendo caminhografias, diagnósticos, mapeamentos, encontros e projetos colaborativos.

Segundo Gadotti (2017, p. 10), a Extensão Universitária, quando orientada por uma “intencionalidade emancipatória”, contribui para a formação crítica dos estudantes, permitindo que a prática acadêmica se integre à vida comunitária. Nesse sentido, a experiência relatada também se inspira em Paulo Freire (1983), para quem a universidade deve ser um espaço de diálogo horizontal com os sujeitos sociais, capaz de articular conhecimento técnico com os saberes populares.

No âmbito deste trabalho, a atuação extensionista se materializa especialmente na colaboração para o desenvolvimento do projeto arquitetônico da nova sede da ONG, em parceria com moradores, além da elaboração de estratégias e campanhas de arrecadação de recursos para viabilizar sua construção.

Figura 1 - Atividades na ONG “Cuidando de Nós”



Fonte: dos autores, 2025.

2. METODOLOGIA

As caminhografias urbanas, entendidas como prática de investigação e criação coletiva, constituem um dos principais instrumentos do projeto. Conforme definido no Verboário da Caminhografia Urbana (Rocha; Santos, 2024), caminhar é também uma forma de inscrever no espaço narrativas, memórias e subjetividades, transformando o território em texto coletivo. Nesse processo os moradores reconhecem os elementos do bairro e reinscrevem suas histórias, valores e modos de vida nas rotas percorridas, criando mapas afetivos que dialogam com o projeto arquitetônico.

O projeto arquitetônico da nova sede da ONG foi desenvolvido de forma colaborativa, com base nas demandas locais. Foram feitas plotagens em escala e módulos tridimensionais manipuláveis, permitindo que moradores compreendessem e interviewassem no espaço em construção, assim foi realizada a Oficina Participativa para Projeto Arquitetônico da ONG, estruturada em três etapas:

Etapa 1 – Reconhecimento do Terreno (Escala 1:25): Os participantes conheceram o lote e suas condições naturais. Com mapa em escala 1:25 e materiais de apoio, registraram percepções sobre sol, vento, ruído, sombras, vistas e acessos. A roda de conversa trouxe memórias do terreno, enriquecendo a análise com a história comunitária.

Etapa 2 – Implantação dos Módulos (Escala 1:25): Os moradores manipularam módulos recortados em escala, testando diferentes arranjos para a implantação da sede e dos espaços externos. As propostas foram debatidas e validadas por votação, permitindo fusões de ideias.

Etapa 3 – Uso dos Módulos (Plantas de Mobiliários em Escala 1:25): Aqui, a discussão se concentrou no uso interno dos módulos. Com recortes de mobiliário e etiquetas de atividades. Os grupos criaram cenários de uso cotidiano da ONG. Ao final, apresentaram “um dia na ONG”, narrando como os espaços poderiam ser apropriados pela comunidade.

Encerramento: A oficina foi concluída com a sistematização dos consensos e explicando à comunidade como os resultados seriam incorporados ao próximo estudo do projeto.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As caminhadas em parceria com a ONG reafirmaram a relevância histórica do Passo dos Negros. Observou-se que, paralelamente às ações do projeto, a comunidade avançou no processo de regularização fundiária. Segundo notícia publicada em 2025 no portal Pelotas.com.br, a Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária (SHRF) iniciou a etapa de cadastro físico das residências, com medições precisas dos lotes. Tal avanço assegura direitos de propriedade e fortalece a práticas de pertencimento territorial.

Se forem usadas tabelas e figuras, seus títulos deverão ser centralizados, com as letras iniciais maiúsculas e fonte Arial, corpo 12.

A aplicação da proposta arquitetônica, por meio da escala 1:25 e dos módulos tridimensionais, foi um instrumento pedagógico poderoso. A manipulação dos elementos permitiu debates sobre orientação solar, recuos, e etc. Inspirada em experiências de design participativo (Turner, 1976), essa prática possibilitou que a

comunidade não apenas opinasse, mas se apropiasse criticamente do processo projetual, ampliando sua autonomia na tomada de decisões.

Além dos aspectos técnicos, foi perceptível o fortalecimento de laços comunitários e a ampliação do senso de pertencimento. A possibilidade de ver e tocar o projeto gerou entusiasmo, senso de reconhecimento e empoderamento, reafirmando a relevância de práticas extensionistas que associam técnica, pedagogia e engajamento social.

4. CONSIDERAÇÕES

Nas considerações o autor deve apresentar objetivamente as considerações diante dos objetivos propostos, a partir dos impactos obtidos, tanto na comunidade quanto na universidade, evitando apresentar resultados neste espaço.

A parceria entre universidade e ONG “Cuidando de Nós” é essencial. O próximo desafio é captar recursos para construir a sede e preservar a memória histórica do território.

O processo de regularização fundiária, embora fundamental para garantir direitos básicos, também abre espaço para contradições. Como lembra Harvey (2008), o direito à cidade envolve não apenas acesso formal à terra, mas também a preservação da memória coletiva e a justiça espacial. Nesse sentido, é crucial que os moradores do Passo dos Negros reconheçam o valor histórico de seus espaços, evitando que a valorização imobiliária futura leve à expulsão silenciosa da própria comunidade que construiu esse território.

Os próximos passos envolvem sistematizar as informações da oficina em um estudo preliminar de arquitetura, a ser discutido com a comunidade da ONG “Cuidando de Nós” para garantir participação e soluções alinhadas às necessidades locais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo: Cortez, 2017.

HARVEY, David. **O direito à cidade.** Revista Piauí, n. 12, 2008.

PELOTAS. **Regularização do Passo dos Negros chega a uma nova etapa.** Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/regularizacao-do-passo-dos-negros-chega-a-uma-nova-etapa>. Acesso em: 2025.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. **Verbolário da Caminhografia Urbana.** Pelotas: Editora Caseira, 2024.

TURNER, John F. C. **Housing by People:** Towards Autonomy in Building Environments. Londres: Marion Boyars, 1976.